

GRANDES
MULHERES

NA HISTÓRIA DO BRASIL

Guerreiras DA INDEPENDÊNCIA

NA BAHIA, TIVEMOS INDEPENDÊNCIA E MORTE. CONHEÇA TRÊS MULHERES QUE ENTRARAM PARA A HISTÓRIA AO DEFENDER A LIBERDADE DO PAÍS

TEXTO Dimalice Nunes

Canhões, armas, soldados e sangue não estão nas páginas sobre a Independência do Brasil nos livros escolares. Mas, a mais de 2 mil quilômetros das margens do Ipiranga, foi exatamente isso o que se viu. Durante um ano e cinco meses – de fevereiro de 1822 a julho de 1823 – brasileiros lutaram, e muito, para tornar o Brasil independente de Portugal. E o roteiro dessa guerra tem personagens femininas que não recebem o crédito merecido: uma que se vestiu de homem para guerrear, a negra livre que articulou uma investida contra os portugueses e a freira idosa que morreu protegendo seu convento da brutalidade colonial.

GUERRA QUENTE

No início de 1822, rumores de sentimento revolucionário na Bahia levaram o rei de Portugal, dom João VI, a tirar o brasileiro Manoel Guimarães do comando de Salvador para colocar em seu lugar o general português Madeira de Melo. A Câmara Municipal recusou dar a posse ao novo comandante. A medida se transforma então no estopim para um barril que vinha sendo preenchido havia anos.

Para defender o que considerava seu território, Portugal enviou reforços para Salvador. Isso deu início ao conflito. “No começo do século 19, a Bahia continuava sendo uma das regiões mais prósperas e poderosas do Brasil. Politicamente, ainda que já

não fosse mais a capital da América portuguesa, continuava exercendo influência pela força de sua tradição depois de anos de centralidade política e econômica”, afirma o historiador Eduardo Borges, doutor pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor da Universidade do Estado da Bahia (Uneb).

Salvador deixou de ser capital, mas a Bahia ainda era cheia de coronéis endinheirados e intelectuais proeminentes. Economicamente, ainda era um dos maiores polos exportadores da colônia, vendendo o velho açúcar diante da expansão ainda incipiente do café. E, por ter sido por mais de 200 anos a cabeça de Portugal na América, a presença

de portugueses era maciça. "Em uma situação de atrito que questionasse o domínio português, a Bahia teria destaque em termos de radicalização", diz Borges. E foi o que aconteceu: a população não aceitou pacificamente o reforço do domínio português sobre a região.

A MÁRTIR

Logo no início do conflito, o primeiro carimbo feminino nesta história: Joana Angélica, madre superiora do convento da Lapa, em Salvador, é morta por soldados portugueses com um golpe de baioneta. Já com mais de 60 anos, era uma das mais antigas residentes do convento. E foi com essa autoridade que se pôs à porta da clausura, entre 11 e 12 horas da manhã, do dia 20 de fevereiro, tentando barrar o avanço dos soldados da tropa de Madeira de Melo.

Antes de invadir o Convento da Lapa, os soldados já haviam saqueado tudo que encontraram no caminho. "Com tal disposição, prepararam-se para penetrar na clausura do convento, mas encontraram a resistência de Joana Angélica, que teria proferido as seguintes palavras: 'Detende-vos, bárbaros, aquelas portas caíram aos vaivéns de vossas alavancas, aos golpes de vossos machados, mas esta passagem está guardada pelo meu peito, e não passareis, senão por cima do cadáver de uma mulher!'" A resposta brutal dos soldados portugueses, com baionetas, tornou-a mártir.

A morte da madre Joana Angélica foi um tiro no pé dos portugueses. Indignou o povo baiano e elevou a temperatura do conflito, já que o assassinato covarde se tornou um símbolo da resistência popular contra o autoritarismo colonial. ➤



A COMBATENTE

A participação popular seria a chave para a resistência baiana contra a investida portuguesa. Se coronéis mandavam na área, tinham a fidelidade da camada menos favorecida da população. E foi dela que veio a figura mais conhecida desta história, o soldado Medeiros.

Maria Quitéria de Medeiros: mulher, sertaneja e analfabeta, trazia em si todos os elementos da exclusão. Mas sabia montar e atirar “feito homem”. E, em tempos de guerra, toda a ajuda é bem-vinda.

Filha primogênita de Gonçalo Alves de Almeida e Quitéria Maria de Jesus, ela já tinha 30 anos e era noiva do agricultor Gabriel Pereira de Brito. Havia perdido a mãe ainda na infância, ganhou uma madrasta logo na sequência, mas não irmãos. No terceiro casamento do pai, três irmãs. A nova madrasta nunca concordou com os modos de Maria Quitéria, que tinha o hábito de se embrenhar pelo mato a cavalo para caçar.

Naquela época, os tropeiros que cruzavam a Bahia eram uma espécie de mensageiros de novidades, e foi por meio deles que as notícias da resistência contra os portugueses chegaram até a moça, vivendo na região da hoje cidade de Cachoeira. Indignada com a negativa do pai em se alistar e sem irmãos homens, ela até tentou obter a autorização paterna para ir para o combate. Um pedido obviamente recusado.

Isso não foi o suficiente para freá-la. Quitéria se bandeou para a casa da irmã Teresa Maria. Lá ela cortou os cabelos, se vestiu com as roupas do cunhado e, assim, devidamente paramentada, se alistou no Batalhão dos Voluntários do Príncipe com o

nome de soldado Medeiros. “A história que retrata o alistamento militar de Maria Quitéria reflete a conflituosa relação de respeito, submissão, mas também de enfrentamento diante da figura paterna no limiar do século 19”, afirma o historiador Eduardo Borges.

O disfarce não durou muito. O primeiro a descobrir foi o pai, que exigiu que a filha abandonasse as tropas e tentou levá-la à força para casa. “Os colegas de quartel, já impressionados com a habilidade de Quitéria com as armas, imploraram para que ela ficasse. O comandante concordou, mas impôs uma condição: em vez da farda masculina, ela usaria um saiotê à moda escocesa”, conta o jornalista e pesquisador Laurentino Gomes, em seu livro *1822. O kilt escocês é usado por tropas do país até hoje*.

Maria Quitéria participou de pelo menos três combates, e em todos se sobressaiu entre seus camaradas. Do general Pierre Laba lutou ganhou o posto de primeiro-cadete. O coronel Lima e Silva prestou-lhe uma homenagem em público descrevendo suas façanhas. “Apresentou feitos de grande heroísmo, avançando, de uma vez, por dentro de um rio, com água até os peitos, sobre uma barca que batia renhidamente nossas tropas”, assinalou, de acordo com Laurentino Gomes. Foi recebida no Rio de Janeiro pelo imperador Pedro I e condecorada com a Ordem do Cruzeiro.

A inglesa Maria Graham, aquarelista e escritora que esteve no Brasil em 1822 e manteve intensa correspondência com o almirante Thomas Cochrane – importante figura militar no movimento da independência brasileira –, registrou algu-

mas impressões no seu diário, que acabou se tornando um importante documento histórico sobre o processo de independência do Brasil. “Ela é iletrada, mas inteligente. Sua compreensão é rápida e sua percepção, aguda. Penso que, com educação, ela poderia ser uma pessoa notável. Não é particularmente masculina na aparência; seus modos são delicados e alegres. Não contraiu nada de rude ou vulgar na vida do campo e creio que nenhuma imputação se consubstanciou contra sua modéstia. Uma coisa é certa: seu sexo nunca foi sabido até que seu pai requereu a seu oficial comandante que a procurasse. Não há nada de muito peculiar em suas maneiras à mesa, exceto que ela come farinha com ovos ao almoço e peixe ao jantar e fuma charuto após cada refeição, mas é muito sóbria”, descreveu.

O que explica a insólita carreira de Maria Quitéria? “O ato de se juntar ao exército libertador, espaço exclusivamente masculino, e ser aceita por ele como um membro oficial, talvez explique mais sobre a situação extrema representada por uma guerra. Por mais que saibamos sobre os limites impostos à mulher por uma sociedade de perfil machista e patriarcal, a conjuntura permitiu esse tipo de liberalidade momentânea. O fato é que depois do final da guerra e da consolidação de uma nação independente e legítima, em nada mudou, no Brasil, a condição feminina em termos de empoderamento social”, explica Eduardo Borges.

Com a paz restabelecida, Maria Quitéria casou-se com o antigo namorado, teve uma filha e morreu anônima em Salvador, aos 61 anos. ■

A GUERRILHEIRA

Uma das tentativas portuguesas de quebrar a resistência brasileira ocorreu na manhã de 7 de janeiro de 1823. Foi um ataque cerrado à ilha de Itaparica, comandado pelo próprio chefe da armada portuguesa, almirante João Félix Pereira de Campos, recém-chegado de Lisboa. De uma só vez, os portugueses lançaram 40 barcas, dois brigues de guerra e lanchas canhoneiras contra o povoado de Itaparica. Foi a “batalha do tudo ou nada”, como conta Laurentino Gomes em seu livro 1822.

Os baianos resistiram e alcançaram a vitória ao final de três dias de combates. E uma mulher negra, pobre, pescadora e marisqueira da ilha teve papel fundamental nessa vitória. Maria Felipa de Oliveira liderou um grupo de homens e mulheres, fortificou as praias com a construção de trincheiras e criou o que ficou conhecido como “vedetas”, uma vigilância 24 horas das praias para prevenir o desembarque de tropas inimigas.

Durante as batalhas, seu grupo ajudou a incendiar inúmeras embarcações: a Canhoneira Dez de Fevereiro, em 1º de outubro de 1822, na praia de Manguinhos; a Barca Constituição, em 12 de outubro de 1822, na Praia do Convento; e em 7 de janeiro de 1823.

Foi neste episódio que Maria Felipa ganhou fama. Liderando um grupo de cerca de 40 mulheres, a estratégia foi seduzir os portugueses, embriagá-los e depois surrá-los com galhos de cansaço, uma espécie de urtiga que provoca irritação no contato com a pele. Então atearam fogo nos barcos ancorados na praia, com tochas feitas de palha de coco, enquanto os portugueses tentavam escapar da ressaca e da coceira.

Praticamente não há registros documentais sobre a história de Maria Felipa. A historiadora Eny Kleyde Farias, autora do livro *Maria Felipa de Oliveira: Heroína da Independência da Bahia*, usou principalmente da transmissão oral das histórias em Itaparica para reconstruir a personagem. “Ma-

ria Felipa foi protagonista por ela ter sido uma heroína épica silenciada por 187 anos. Diferentemente de outras heroínas, que tiveram, claro, muito mérito, ela foi silenciada por ser pobre e trabalhadora braçal”, afirma.

MEMÓRIA VIVA

Para o historiador Eduardo Borges, conhecer um pouco mais a história da guerra de Independência do Brasil na Bahia ajuda o brasileiro a desconstruir uma imagem negativa em nossa formação: a de que as coisas acontecem sem luta. Que ganhamos a independência de mão beijada. “Não foi o caso”, diz Borges. “Uma parcela do povo foi às ruas, pegou em armas e defendeu o que acreditava ser melhor para ele.”

No caso específico da Bahia, explica, a presença feminina é um fato importante e peculiar. “Enaltecer a presença dessas mulheres ajuda na compreensão contemporânea do papel singular e central da mulher em nossa vida cotidiana”, conclui. **AN**

CARETAS DO MINGAU

Maria Quitéria, Maria Felipa e Joana Angélica personificam a presença feminina no conflito baiano pela independência. Mas isso não se restringiu a elas. Em Saubara, que na época pertencia à vila de Santo Amaro da Purificação, um grupo de mulheres ficou conhecido como as “caretas do mingau de Saubara”.

No tempo da guerra, Saubara ficava em uma localização geográfica bastante estratégica, o que a transformou em alvo direto das tropas portuguesas. Na invasão portuguesa de Saubara, os homens deixaram o vilarejo e se entrincheiraram, ficando isolados. As mulheres do arraial criaram então uma estratégia para burlar a vigilância portuguesa e levar alimentos, remédios e o que mais eles precisassem: à noite elas

saíam vestidas de branco e usando máscaras com a intenção de assustar os portugueses, como se fossem assombrações. Assim, não eram reconhecidas. Levavam mingau e o que mais fosse preciso.

O general Pierre Labatut fez registro em suas memórias: “A luta se alonga por mais de seis horas, um assalto com desperdício de cartuchame. Os portugueses desistem do seu intento, para ameaçar Saubara, cujos defensores, sem distinção de sexo, dirigidos pelo padre Manuel José Gonçalves Pereira, os rechaçam”.

Até hoje, no dia 2 de julho — que marca o fim da guerra na Bahia — as mulheres saem às ruas na madrugada com o rosto coberto de branco, distribuindo mingau, bebendo licor e festejando com a população local.